

Uma “equação a três termos”: o ciúme em Sigmund Freud e René Girard

Rafael Campos Quevedo¹

¹Doutor em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB). Professor do Departamento de Letras – Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Maranhão (UFMA). Coordenador do Grupo de Estudos Girardianos da UFMA.

Introdução

Este trabalho tem por objetivo refletir acerca de duas explicações sobre o ciúme: a da psicanálise freudiana e a da teoria mimética de René Girard. A razão do cotejo justifica-se pelo fato de Girard ter sido um teórico que manteve, com a obra de Freud, uma relação de constatação interlocução crítica. Trata-se de um “diálogo” bastante produtivo que envolve a reabertura e a proposição de novas soluções para antigas questões levantadas pelo criador da psicanálise. Tais questões são tanto da ordem da vida psíquica e interpessoal, como o ciúme, tema deste trabalho, quanto do âmbito da cultura, como aqueles de que tratou em *Totem e tabu*.

No que diz respeito ao ciúme, nenhum dos dois autores dedicou uma obra específica e de fôlego ao assunto. Para além de considerações esparsas, há em Freud o brevíssimo trabalho intitulado “Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo”, de 1922. Em Girard, as ideias acerca desse afeto encontram-se espalhadas ao longo de parte de sua obra, mais especialmente em seu primeiro livro, de 1961, *Mentira romântica e verdade romanesca* e em *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*, publicado em 1978. Apesar da ausência de uma atenção mais demorada e mais específica ao tema nas obras dos dois pensadores, ele é inequivocamente central e ilustrativo dos dois modelos teóricos em questão (a psicanálise e a teoria mimética), de modo que, ao cotejá-los, as diferenças que serão evidenciadas entre as duas interpretações possibilitarão visualizar pressupostos distintos sobre as relações humanas e os afetos que as mobilizam. No limite, as considerações que encaminharemos pretendem mostrar duas ideias distintas acerca da noção do papel do “terceiro” na relação triangular que envolve o ciúme. A diferente posição relacional, por assim dizer, desse terceiro na experiência do ciúme será decisiva para atestar duas compreensões distintas acerca do desejo humano.

A abordagem metodológica será conduzida, portanto, por meio da descrição do modo pelo qual se articulam os dois modelos e os papéis que seus “atores” (sujeito desejante, objeto desejado e, sobretudo, o terceiro elemento) desempenham na dinâmica de deflagração do ciúme. O já referido cotejo entre as teorias será auxiliado pela inserção de trechos de comentadores, particularmente as importantes reflexões propostas por Denise Lachaud (2001) e Nasio (1999) acerca de como a psicanálise de Freud e Lacan compreende o fenômeno do ciúme, bem como alguma contribuição de Golsan (2014) sobre a teoria mimética girardiana.

O ciúme em Freud

A explicação freudiana sobre o mecanismo do ciúme, tal como se apresenta no já referido texto de 1922, pode ser resumida como se segue. Haveria três graus do ciúme. O primeiro, de caráter competitivo e considerado normal, por Freud, afunda suas raízes no complexo de Édipo (ou de irmão-e-irmã) e está relacionado com o “pensamento de perda

do objeto amado” (Freud, 1996/1922, p. 237). O segundo grau seria o ciúme projetado que deriva da infidelidade real ou do impulso à infidelidade de que resulta a projeção, no outro, do desejo pessoal de traição por parte do indivíduo. Trata-se, assim, de um mecanismo de defesa inconsciente. Por fim, haveria o ciúme delirante, cuja particularidade consistiria no fato de se tratar também de uma espécie de mecanismo projetivo, só que, dessa vez, oriundo de uma homossexualidade não aceita. No caso de um indivíduo do sexo masculino, esse tipo de ciúme poderia ser ilustrado pela fórmula “eu não o amo; é ela que o ama” (Freud, 1996/1922, p. 237).

Parece ser possível concluir que o que há em comum entre essas três modalidades de ciúme seria sua origem inconsciente, ao passo que suas variações em graus diriam respeito a uma progressão do normal ao patológico. Sobre essa última consideração, Freud (1996/1922) observa que o caráter doentio, por assim dizer, do ciúme, teria a ver com a intensidade de afeto vivido pelo sujeito, não se tratando, portanto, de um tipo propriamente diferenciado de afecção. O doente se caracterizaria pela intensidade das ideias e pela voltagem de energia direcionada para elas, ao passo que alguém pode ter ideias persecutórias até em grande quantidade, ainda que não venham acompanhadas de muita energia psíquica.

Isso posto, nossa pergunta incidirá sobre a questão do terceiro. A postulação do terceiro pressupõe como condições básicas para a emergência do ciúme, em primeiro lugar, o sujeito desejante e, em segundo, aquele ou aquilo por quem ou pelo que ele nutre afeto. Como veremos adiante, Freud e Girard têm visões distintas acerca da posição do terceiro na tríade do ciúme. A respeito da explicação psicanalítica, afirma Lachaud (2001, pp. 35-36): “O ciúme *concorrencial* que Freud diz *normal* é a dor ressentida de saber ou crer que o objeto de amor está perdido. De acordo com Freud, este ciúme, sempre ligado ao sexual, implica um terceiro. Como dizia Roland Barthes, é ‘uma equação a três termos’”.

Se esse ciúme da rivalidade (o “concorrencial” ou competitivo) tem origem, conforme já expusemos, no complexo de Édipo, isso indica que esse afeto, considerado normal por Freud (1996/1922), seria uma espécie de atualização de um desprazer primeiro, vivido na infância, em que nos vemos furtados daquele objeto cujo estatuto inicial de necessidade, logo, teria se convertido em objeto de desejo. A respeito dessa primeira experiência de corte, diz Lachaud (2001, p. 39) que a “dor da perda primeira *deixa marca*, inscreve-se; ela é constitutiva do psiquismo da criança. O movimento do recalque que predomina é muito poderoso e a economia libidinal fica profundamente atingida”. Voltaremos a esse ponto no penúltimo tópico dessas considerações dedicado a cotejos mais pontuais entre as duas teorias.

Convém notar, ainda seguindo as considerações de Lachaud (2001), que, a rigor, a configuração original da experiência infantil não pode ser triangular. Isso porque, de acordo com sua explicação, a criança inicialmente não distingue a si mesma do mundo externo, tampouco do outro. O conhecido “ciúme do irmãozinho” não seria, segundo a

autora, uma expressão de ciúme propriamente dito: “A criança não conhece sentimentos de pertencimento ou de propriedade – ela vai adquiri-los com e após o estágio do espelho” (Lachaud, 2001, p. 45). Desse modo, em sua origem, o ciúme é um problema de “identificação mental e não uma rivalidade”² (Lachaud, 2001, p. 45).

A gradação do normal ao patológico, ao que tudo indica, estaria ligada a uma problemática elaboração dessa “marca” ou dessa “inscrição” infantil. Se esse objeto inicial do desejo identificado originalmente na mãe deve ser posteriormente transferido para outros objetos, no “ciúme patológico, o objeto permanece no registro da necessidade e sua ausência não garante mais a autoconservação. A metaforização está em falta”, diz Lachaud (2001, p. 36). Haveria alguma relação entre essa lacuna de metaforização e a hipercatexia que distingue o ciúme patológico do “normal” de que todos partilhamos?

De algum modo, essa pergunta sem resposta com a qual encerramos o parágrafo anterior parece ter sido motivo de diversas figurações literárias ao longo dos tempos. Uma das imagens recorrentes de que se valeram inúmeros autores para se referir ao ciúme é a do monstro. Em *Otelo*, Iago diz ser o ciúme “um monstro de olhos verdes”,³ elemento comparativo retomado por Shakespeare, na mesma peça, dessa vez pela boca de Emília, esposa de Iago: “o ciúme é um monstro que se gera em si mesmo e de si nasce”. Em *Bocage*, ele é o “negro monstro, de áspides toucado” que “sai do Inferno e para mim se avança”.⁴ Na obra máxima da literatura brasileira dedicada ao tema, a aproximação do ciúme com o monstro se faz de maneira indireta e “oblíqua”, bem ao modo pelo qual todo o romance *Dom Casmurro* se estrutura. Na passagem em que Bentinho relata o momento em que foi “mordido” pela primeira vez pelo ciúme, a descrição assemelha-se bastante à de um menino assombrado por um monstro:⁵

Estou que empalideci; pelo menos, senti correr um frio pelo corpo todo. A notícia de que ela vivia alegre, quando eu chorava todas as noites, produziu-me aquele efeito, acompanhado de um bater de coração, tão violento, que ainda agora cuido ouvi-lo. Há alguma exageração nisto; mas o discurso humano é assim mesmo, um composto de partes excessivas e partes diminutas, que se compensam, ajustando-se. Por outro lado, se

² A isso convém acrescentar, ainda, conforme Lachaud (2001, p. 125) explicará mais ao final de seu livro, que “a cena primitiva, núcleo atrativo dos recalques futuros, faz-se em dois tempos. O primeiro derivando do primeiro corte com a mãe, até o momento do espelho; o segundo corte, edípiano. O primeiro corte participa, com toda evidência, desse núcleo duro que Freud não conseguia levar a cabo, o recalque originário e as primeiras marcas, leituras, interpretações não simbolizáveis pelo sujeito, recalçadas, por conseguinte, e próprias a dever sofrer uma releitura ou uma reconstrução que nada poderá confirmar ou negar. A tentativa de volta a esse tempo do TODO ilustra as teses de Freud e Lacan, segundo as quais o sujeito só pode se amar através do outro – Outro fora-Eu [Je] –, amor que é fundamentalmente só mentira”.

³ “Acautelai-vos, senhor, do ciúme; é um monstro de olhos verdes, que zomba do alimento de que vive. Vive feliz o esposo que, enganado, mas ciente do que passa, não dedica nenhum afeto a quem lhe causa o ultraje. Mas que minutos infernais não conta quem adora e duvida, quem suspeitas contínuas alimenta e ama deveras! (Shakespeare, 2008, p. 633).

⁴ Poema recuperado em 17 novembro, 2021, de <https://blogdospoetas.com.br/poemas/o-ciume/>.

⁵ Natural que em uma obra que toma exatamente *Otelo* como modelo de recriação literária Machado de Assis tenha preferido aludir menos diretamente ao termo de comparação shakespeariano, evitando assim apropriações muito óbvias e optando por diálogos intertextuais mais requintados e discretos, o que não dispensou menções diretas à tragédia de Shakespeare em dois capítulos de *Dom Casmurro* (o LX “uma reforma dramática” e o CXXXV intitulado “Otelo”).

entendermos que a audiência aqui não é das orelhas, senão da memória, chegaremos à exata verdade. A minha memória ouve ainda agora as pancadas do coração naquele instante. Não esqueças que era a emoção do primeiro amor. Estive quase a perguntar a José Dias que me explicasse a alegria de Capitu, o que é que ela fazia, se vivia rindo, cantando ou pulando, mas retive-me a tempo, e depois outra ideia... Outra ideia, não, um sentimento cruel e desconhecido, o puro ciúme, leitor das minhas entranhas. Tal foi o que me mordeu, ao repetir comigo as palavras de José Dias: “Algum peralta da vizinhança”. (Assis, 2016, pp. 535-536).

Em outra construção sobre o ciúme, dessa vez em versos, Machado de Assis insiste no campo de imagens da ordem do tétrico e do teratológico, emprestando ao verme as características monstruosas: “Um verme asqueroso e feio, / Gerado em lodo mortal, / Morde, sangra, rasga e mina, / Suga-lhe a vida e o alento; / A flor o cálix inclina; / As folhas, leva-as o vento, / Depois, nem resta o perfume / Nos ares da solidão... / Esta flor é o coração, / Aquele verme o ciúme”.⁶

Em obras literárias mais modernas dedicadas ao tema, as alusões diretas ou indiretas a monstros ainda se fazem presentes, como em *O túnel*, do argentino Ernesto Sabato, no qual as projeções monstruosas têm como alvo ora os outros personagens e/ou o próprio narrador – “E falava com aquele monstro ridículo! De que poderia falar Maria com esse infecto personagem? E em que linguagem? Ou seria eu o monstro ridículo?” (Sabato, 2000, p. 146), ora o mundo exterior, a paisagem, “O mar fora se transformando em um escuro monstro” (Sabato, 2000, p. 111) –, e em *O ciúme*, de Allain Robbe-Grillet, por meio das repetidas aparições da lacraia esmagada na parede. Em uma dessas passagens, a descrição do inseto, seguindo a rigorosa objetividade que caracteriza a opção narrativa desse livro, mostra-se discretamente teratológica:

Na sua extremidade posterior, o desenvolvimento considerável das patas – sobretudo do último par, que ultrapassa o comprimento das antenas, permite reconhecer sem dúvida o escutífero, chamado de “lacraia aracnídea” ou, ainda, “lacraia-de-minuto”, por causa da crença indígena relativa à rapidez da ação de sua picada, pretensamente mortal. Essa espécie é na realidade pouco venenosa, muito menos, de qualquer modo, do que numerosas escolopendras, frequentes na região. (Robbe-Grillet, 1986, p. 41).

Com essa brevíssima menção a obras literárias de diferentes épocas e gêneros que se valeram de metáforas teratológicas em suas figurações do ciúme, aventamos a possibilidade de que a escolha por esse âmbito imagético não é nada gratuita e admite várias possibilidades de justificativa de inspiração psicanalítica. A primeira diz respeito à ligação entre o imaginário tipicamente infantil e a figura do monstro, cuja ideia resulta da amplificação de perigos reais ou imaginados relacionados a uma ameaça que pode também ser concreta ou presumida.

⁶ Poema recuperado em 17 novembro, 2021, de <https://contobrasileiro.com.br/o-verme-poema-de-machado-de-assis/>.

Em que pese o fato de que o ciúme tem origens em experiências de corte provenientes da mais remota infância, tal representação viria preencher esse lugar assombroso da ameaça mortificante de uma nova “picada” ou “mordida”, significantes que apontam para a experiência da inscrição dolorosa sentida pelo sequestro do objeto amado. O monstro ocuparia o lugar simbólico dessa ameaça daquilo que vem novamente reincidir no ato da mutilação e reavivar a ferida narcísica.⁷ Tendo em vista, ainda, o perfil patológico ou delirante dos personagens que em geral atuam nos romances sobre o ciúme, assim como também em *Iago* (e não em *Otelo!*) de Shakespeare, é possível, além disso, compreender a razão do caráter hiperbolicamente ameaçador que o ciúme encontra na figuração do monstro, caráter esse não necessariamente presente na apreensão do ciúme por parte de um indivíduo que por ele é acometido em seu grau “normal”. Isso estaria particularmente presente na descrição do narrador do romance de Robbe-Grillet (1986) ao se referir ao veneno da “lacraia aracnídea” como apenas “pretensamente mortal”, malgrado a crença comum sobre sua letalidade.

O ciúme em René Girard

A já mencionada produtiva interlocução crítica de Girard com a obra de Freud mereceria um amplo recenseamento dos termos da discussão, tal como ela se estabelece, incluindo tanto as aproximações quanto os distanciamentos argumentativos e teóricos, algo que extrapolaria os limites deste trabalho. Um dos pontos de que Girard toma mais distância com relação à psicanálise é, como ficará perceptível adiante, a base sexual de que Freud se vale a fim de fundamentar os fenômenos da vida psíquica. Não obstante, divergências centrais que estabelece com a psicanálise, é comum encontrar passagens em que Girard reconhece o valor das intuições freudianas, ainda que conteste a maioria de suas soluções. Em conferência sobre a anorexia, proferida em Chicago, em 1995, Girard repete outra de suas divergências fundamentais com a psicanálise inserindo-a no rol das “hermenêuticas da desconfiança”:

A busca das motivações ocultas é o alfa e o ômega da cultura moderna. Temos como princípio básico que nenhum fenômeno é verdadeiramente o que parece ser. Uma interpretação satisfatória deve recorrer a uma das hermenêuticas da desconfiança que se tornaram populares nos séculos XIX e XX, ou a um amálgama de várias delas: psicanálise, marxismo, feminismo, etc. (Girard, 2011, p. 41).

Em *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*, uma crítica um tanto similar também se faz presente, acrescida de outra nuance, a do preciosismo teórico, muito embora se verifique que ela se endereça bem mais a Lacan do que a Freud:

⁷ “O ciúme está em relação com a perda originária, aquela que mutilou o Outro para dele destacar o objeto. Ferida das mais narcísicas” (Lachaud, 2001, p. 40).

É claro que os freudianos da escola de Paris são espertos demais para não ter respostas a essas objeções. Eles descobriram o formidável abismo que separa o pênis do falo e outras belas coisas que os colocam a salvo de qualquer crítica concebível e que lhes permite dizer absolutamente tudo o que quiserem. É exatamente por isso, em última análise, que os mais brilhantes jogos do espírito têm pouco interesse no que diz respeito ao saber. O esgotamento gradual das grandes teorias, na sua fase decadente, caracteriza-se por tentativas de arranjos cada vez mais acrobáticas e sutis, mas que no final das contas não provam grande coisa, a não ser que já é tempo de se passar a algo diferente. Nesse sentido, as teorias lacanianas do símbolo assemelham-se à teoria lévi-straussiana como *mise en abîme* do modelo topológico. Com o tempo, todo esse preciosismo não poderá deixar de cansar e conduzirá infalivelmente ao ceticismo absoluto, que vemos florescer ao nosso redor. (Girard, 2008, p. 148).

Se insistimos em assinalar esse fator de divergência com relação à psicanálise, a saber, a recusa girardiana de uma hermenêutica da profundidade, é para o adotarmos como ponto de partida de nossas considerações acerca da teoria mimética. De fato, as explicações girardianas não costumam apelar para significações profundas escondidas por detrás dos fenômenos. A própria noção de inconsciente, que já traz consigo uma dimensão de profundidade, não é uma categoria de que Girard se sirva para explicar as motivações das ações humanas, muito embora irá pressupor que os sujeitos, na imensa maioria dos casos, desconhecem o mecanismo de funcionamento dos seus próprios desejos, o que equivale dizer que, de modo geral, desconhecemos o fato de que as aspirações e os objetos que perseguimos ao longo da vida nos são atraentes não por causa de atributos que lhes são intrínsecos, mas sim por serem desejados por outros sujeitos. Grosso modo, o desejo é desde sempre triangular, uma vez que é mediado por uma instância que se interpõe entre o sujeito e o objeto perseguido.

O arremate do parágrafo anterior contém de maneira condensada o princípio da teoria em questão e a razão pela qual René Girard a consagrou com o nome de teoria mimética desde seu primeiro livro, *Mentira romântica e verdade romanesca*. Nesse mesmo ensaio, Girard (2009) já estabelece algumas considerações sobre o ciúme, considerado por ele, juntamente com o ódio e a inveja, como “nomes tradicionais dados à mediação interna, nomes que escondem de nós, quase sempre, sua verdadeira natureza [...]” (Girard, 2009, p. 35).

A “verdadeira natureza” a que Girard (2009) se refere diz respeito ao caráter mediado e triangular desses afetos, comumente tidos como resultantes de um “temperamento”, seja ele ciumento, irascível, seja invejoso. Noções como essas tenderiam a escamotear o princípio mimético da mediação, na medida em que sugeririam um desejo cuja origem e alvo estariam no sujeito e nos objetos a que se endereçariam, respectivamente. Essa disposição linear do desejo rumo ao objeto seria perturbada *a posteriori* pela intrusão do terceiro, com *status* de rival, de quem o sujeito desejanter teria inveja, ciúme ou ódio.

A ideia de mediação mimética diverge dessa explicação ao deslocar o sujeito desejante justamente para o lugar do terceiro, momento *a posteriori* da triangulação. Tal deslocamento implicaria na destituição da “autonomia” do desejo e na consequente admissão de que, ao desejar, o sujeito já está em franca imitação de outro desejo: “o sujeito parasita um desejo já formado, de que ele constitui a terceira ponta do triângulo e não a primeira” (Girard, 2008, p. 400). Entre as consequências dessa formulação estaria a rejeição de uma noção de inconsciente como repositório de pulsões, instintos e conteúdos latentes, como mostram as várias contestações girardianas das explicações psicanalíticas sobre o complexo de Édipo, o instinto de morte e a homossexualidade latente presentes no terceiro livro da obra *Coisas ocultas desde a fundação do mundo* (Girard, 2008, p. 377 *et seq.*).

O ciúme, como anteriormente assinalado, teria origem no âmbito da “mediação interna”. Tal noção integra a teoria girardiana desde suas primeiras formulações em *Mentira romântica e verdade romanesca*:

Falaremos de *mediação externa* quando a distância [entre sujeito e mediador] é suficiente para que as duas esferas de *possíveis*, cujo centro está ocupado cada qual pelo mediador e pelo sujeito, não estejam em contato. Falaremos de *mediação interna* quando essa mesma distância está suficientemente reduzida para que as duas esferas penetrem com maior ou menor profundidade uma na outra. (Girard, 2009, p. 33, grifos do autor).

A mediação interna define, portanto, o próprio modo de ser das relações interpessoais na sociedade moderna e, por conseguinte, está no fundamento das explicações sobre as mais variadas manifestações da rivalidade, entre as quais o ciúme. O estágio da mediação interna apresenta um importante aspecto: a obnubilação do objeto desejado e sua substituição pelo modelo que, a partir de então, assume também o estatuto de obstáculo e rival.

Não é difícil deduzir, portanto, o porquê de esse deslocamento do desejo do objeto para o rival estar na raiz dos conflitos, das crises e das patologias. Em geral, o indivíduo experimenta a obtenção de determinados objetivos e a incontornável decepção que disso decorre, fazendo com que o desejo insista obstinadamente no encaço de outras e mais sofisticadas realizações, fenômeno que René Girard vê desvelado nas obras literárias de grandes autores, entre os quais Fiodor Dostoievski. Nessa fase da mediação interna, ocorre o que Girard (2008) chamou, em sua obra inicial, de “desejo metafísico”, que se caracteriza pela intenção de se apropriar do “ser” do outro e não mais por “ter” os objetos por ele desejados. Claro está que esse impulso para o ser do outro só pode culminar em maiores e mais profundas frustrações. Um ponto que merece ser assinalado nesse momento é o grau de prestígio de que o mediador é investido e a fascinação que ele exerce sobre o sujeito desejante, acompanhada de uma ambígua aura, a um só tempo de admiração e rancor.

É nesse quadro de ambivalência afetiva que o ciúme se encontra:

O que significam os ciúmes, e por que qualificá-los de mórbidos [Girard refere-se ao texto de Freud]? É a repetição que cria a morbidez dos ciúmes. Todas as vezes que o sujeito se apaixona, um terceiro está presente no quadro, um rival que, no mais das vezes, o enfurece, e que ele não cansa de maldizer, mas que não deixa de inspirar, como revelam inúmeros sinais, o estranho sentimento de “ternura excessiva”. (Girard, 2008, p. 389).

Na altura em que aparece o trecho citado, Girard (2008) está empenhado em demonstrar o caráter unívoco do masoquismo, do ciúme e da homossexualidade, a respeito dos quais Freud teria fornecido explicações diferentes para suas origens e seus mecanismos de funcionamento. Para Girard, trata-se de três manifestações que têm como fundo a mesma problemática da mediação interna e as consequências, no sujeito, do *double bind* exercido pelo mediador.⁸ Pouco depois do trecho citado, o autor reafirma a importância de se considerar o lugar do sujeito desejante como o terceiro da relação triangular:

A única resposta concebível é que o último a chegar na estrutura triangular, o verdadeiro terceiro, não é aquele que se pensa. Mesmo que ele jure por seus grandes deuses que seu desejo pelo objeto precede a aparição do rival, mesmo que ele dê um jeito, no plano cronológico, de ter aparentemente razão, não devemos acreditar no sujeito. O verdadeiro terceiro é ele, e se ele sempre deseja de modo triangular, é porque seu desejo é a cópia perfeita de um desejo pré-existente. (Girard, 2008, pp. 389-390).

O ciúme na psicanálise e na teoria mimética: contrapontos

Não é raro encontrar na teoria girardiana do desejo determinadas formulações que lembram certas explicações psicanalíticas: a ideia de um desejo triangular, presente no complexo de Édipo, a da rivalidade como força motriz de determinada forma de ciúme ou a ambivalência afetiva que caracteriza o sujeito em certas situações do desejo são apenas alguns dos exemplos possíveis.

Nesta seção do trabalho, cotejaremos alguns pontos de ambas as teorias, particularmente aqueles que estão diretamente envolvidos com o problema do ciúme, a saber: o desejo, o terceiro e a rivalidade. A respeito desse último item e o tratamento concedido a ele pela psicanálise, observemos o que diz Lachaud (2001, pp. 107-108):

A psicanálise inovou, já que fez do objeto do ciumento o homem – e não a mulher – e sublinhou seu interesse pelo rival, aquele que vai se tornar, pelo viés da interpretação delirante, o perseguidor. “O objeto, nos diz Freud, é do mesmo sexo que o sujeito e a pessoa mais amada torna-se o perseguidor”. Para Lacan, como para Freud antes dele e Aristóteles, o leito de nossa “natureza” seria a fascinação pelo semelhante; um próximo de encontro

⁸ “Para que exista *double bind* mimético em sentido forte, é preciso haver um sujeito incapaz de interpretar o duplo imperativo que vem do outro como modelo – imite-me – e como rival – não me imite” (Girard, 2008, p. 341).

ao qual me encontro eu mesmo. Identificação narcísica ao objeto letal primeiro idealizado. Tal fascinação condiciona uma erótica que se pode dizer “narcísica”. Nós nos encontramos. Nós nos ama-mulamos. Emulamos nosso ser-para-o-Outro, o Outro primordial com o qual trocamos olhares durante o espelho. Neste momento, estamos bem particularmente aptos ao zelo.

Algumas das afirmações presentes nessa citação poderiam ser atribuídas a René Girard, a começar pela questão da emulação do outro. Seria possível mesmo dizer que esse é o princípio da teoria mimética: o fato de o desejo individual ser uma derivação do desejo alheio. A palavra emulação não poderia ser mais adequada, na medida em que comporta o sentido tanto de imitação quanto de competição e inveja. A *aemulatio*, no latim, corresponde ao *zelosis*, do grego, razão pela qual o “zelo” a que se refere Lachaud (2001), na citação, permanece em algumas línguas com o sentido também de ciúme.⁹ Há, entretanto, um ponto de radical distanciamento entre Girard e Freud, no que diz respeito ao fundamento dessa emulação. Trata-se do que no texto está em jogo quando a autora emprega a expressão “erótica narcísica”, ou seja, o fundamento sexual presente na base da explicação psicanalítica dessa identificação primordial, mais tarde repercutida no fenômeno do ciúme.

O fato de, para René Girard, o fundamento dessa relação com o outro não ser originalmente da ordem do sexual, mas sim da violência, determinará todos os desdobramentos posteriores de suas interpretações dos fenômenos comportamentais e interpessoais, distanciando-as da perspectiva psicanalítica. De acordo com a teoria mimética, o primeiro impulso de rivalidade corresponde ao que Girard (2008) chamou de mimese de apropriação, cuja ilustração mais eloquente é a que pode ser observada quando um bebê se interessa pelo brinquedo que o outro bebê tem nas mãos, mesmo tendo uma variedade de outras diversões à sua disposição. A simplicidade do exemplo é esclarecedora: o objeto nas mãos da criança só se tornou desejável para a outra exatamente por causa do desejo votado a ele pelo primeiro bebê. O desejo do outro como que confere à coisa possuída o seu valor. Na mimesis de apropriação, reside o germe da violência, pois “duas mãos estendidas avidamente para o mesmo objeto”, como diz o pensador francês, é causa inevitável de conflito.

O processo de formação da cultura, analisado por Girard em obras como *A violência e o sagrado*, consistirá, grosso modo, na criação de mecanismos de contenção dessa violência primordial por meio dos interditos, dos tabus e do mecanismo ritual do bode expiatório, sobre o qual não iremos tratar, a fim de não nos desviarmos dos objetivos dessas reflexões comparativas. Basta que assinalemos, por ora, a diferença: é a violência,

⁹ Nesse ponto, é interessante lembrar que o termo grego traduzido pelos latinos como *aemulatio* é *zélosis*, o qual está na origem da palavra portuguesa zelo, mas também da espanhola celo, da francesa *jalousie* e da italiana *gelosia*. Enquanto no português a palavra denota cuidado ou proteção, no espanhol, no francês e no italiano ela significa ciúme, inveja (Saltarelli, 2009, p. 255).

e não a sexualidade, para a teoria mimética, que está no cerne da repressão primordial responsável pelo processo de hominização, razão pela qual noções freudianas como o princípio do prazer, cuja repressão estaria na base da construção cultural, tal como Freud explica em *O mal-estar da civilização* (1996c), não têm pertinência para a teoria girardiana. A propósito disso, Jean-Michel Oughourlian, pesquisador da teoria mimética, faz a seguinte constatação em conversa com Girard (2008, p. 462): “contrariamente a Freud, o desejo para o senhor é totalmente desvinculado do prazer. De certo modo, é ao contrário o prazer que vai a reboque do desejo”.

Dizer que “o prazer vai a reboque do desejo” equivale a afirmar a primazia da rivalidade mimética sobre a sexualidade, ou, em outras palavras, significa dizer que a própria natureza do desejo é mimética (e que necessariamente carrega consigo a violência) e que problemas da ordem do sexual seriam, no fundo, derivações da mediação interna ou das rivalidades miméticas. Para que fique claro esse momento da argumentação, convém não perder de vista que, no nível mais complexo das relações interpessoais modernas, não é mais a mimesis de apropriação que está em jogo (aquela exemplificada pela disputa dos brinquedos entre os bebês), mas sim a mimesis de antagonismo, ou mediação interna, já abordada anteriormente, e que se caracteriza pela obnubilação do objeto e pela sobreposição da figura do mediador nesse lugar antes objetal. O modelo, agora investido de uma aura de irresistível magnetismo, é o centro irradiador da *double bind* mimética de que resulta a ambivalência de sentimentos lançados em sua direção por parte do sujeito, afinal esse rival cintila uma tal aparência de autossuficiência que imanta o desejo do sujeito, fazendo-o aspirar pelo próprio ser do outro, característica do já referido desejo metafísico. Trata-se, pois, daquele nível de rivalidade no qual tão somente ter o que o outro possui já não é mais tão atrativo, ainda que esbarrar nessa impossibilidade de sê-lo seja profundamente frustrante e doloroso.

Pensar o ciúme em ambas as teorias é, sobretudo, considerar que se para a psicanálise ele “não começa com a diferença dos sexos, mas com a introdução de um terceiro” (Lachaud, 2001, p. 75), na teoria mimética, conforme já assinalado, o “verdadeiro terceiro” é o próprio sujeito desejante.

Não obstante essa diferença fundamental, ambas as concepções de desejo assinalarão algo em comum: a inscrição da falta no cerne do sujeito desejante. É o que observa Richard Golsan e também o psicanalista J. D. Nasio a respeito da teoria mimética e do pensamento de Freud, respectivamente. Comparemos as citações:

Uma tal visão do desejo, é claro, pressupõe a existência de uma insuficiência radical no ser mesmo do indivíduo desejante. É preciso que o indivíduo tenha a dolorosa consciência de seu vazio para que almeje tão desesperadamente a plenitude do ser que parece se encontrar nos outros. (Golsan, 2014, p. 38).

O que é então desejo? É uma pulsão da qual não temos consciência, que teria por objetivo ideal o prazer absoluto em uma relação incestuosa. O desejo é o inconsciente em busca do incesto. Insisto em que esse incesto é um objetivo ideal, puramente mítico e sem nenhuma relação com as relações incestuosas patológicas e proibidas pela lei que podem se produzir em uma família. Não, o incesto de que falamos é, ao contrário, o objetivo último e universal do desejo humano. (Nasio, 1999, p. 40).

A ideia freudiana da vida psíquica como uma espécie de “máquina de escrituração” está na base dessa última citação. O objetivo inacessível do incesto, inscrição inconsciente de uma suposta satisfação ideal, atua como uma espécie de motivo condutor inconsciente a lançar o desejo em direção a objetos substitutivos. Toda a explicação do complexo de Édipo (tanto o masculino quanto o feminino) processa-se em torno da ideia de cortes a partir dos quais a falta é produzida e, em decorrência dela, os sentimentos da ordem da rivalidade, tal como a inveja e a ambivalência amor e ódio. A esse respeito, seguem-se duas breves passagens de Nasio sobre o complexo de Édipo na menina e no menino:

O grande acontecimento durante o Édipo feminino é a decepção que a menina sente ao constatar a falta do falo de que ela acreditava ter sido dotada. Esse sentimento de decepção, onde se misturam rancor e nostalgia, assumirá a forma acabada de um afeto de inveja: a inveja do pênis/falo. (Nasio, 1999, p. 64).

Na primeira etapa da formação do Édipo, reconhecemos dois tipos de ligação afetiva do menino: um apego desejante pela mãe considerada como objeto sexual, e sobretudo um apego ao pai como modelo a ser imitado. O menino faz de seu pai um ideal em que ele próprio gostaria de se transformar. Enquanto o vínculo com a mãe – objeto sexual – se nutre do ímpeto de um desejo, o vínculo com o pai – objeto ideal – repousa num sentimento de amor produzido pela identificação com um ideal. (Nasio, 1999, p. 66).

No cerne do desejo, portanto, habita a falta que, por sua vez, atuará sempre no sentido de impelir o sujeito rumo ao seu impossível preenchimento. O outro, tal como percebido pelo desejo, aparentará a completude de que o eu do observador desejante ressentir-se de estar desprovido. Nesse quesito, o ciúme vem a ser uma experiência de todo privilegiada no sentido de dar a ver, de forma cabal, essa falta, na medida mesmo em que põe à prova o medo “monstruoso” de ver repetida a cena da “mordida”, do doloroso corte primordial.

Todos os demais desdobramentos possíveis que viéssemos a propor de ambas as teorias conduziram a alguns poucos, porém decisivos, pressupostos portadores de irreduzíveis divergências, entre eles o caráter dualista da teoria freudiana, em oposição à completa primazia do desejo mimético no sistema girardiano. O texto de Freud sobre o ciúme a que nos ativemos no início destas considerações foi publicado apenas dois anos após o consagrado *Além do princípio do prazer*, de 1920, estudo em que Freud (1996b/1920) empenha-se em demonstrar a hipótese da pulsão de morte e estabelecer o definitivo

dualismo da vida psíquica entre Eros e Tânatos.¹⁰ Décadas mais tarde, Lacan, (1985/1954-1955, p. 54), que considerou esse texto “incrivelmente ambíguo, e inclusive confuso”, chamava a atenção para essa questão que estava no centro das preocupações de Freud naquela altura do desenvolvimento da psicanálise: “Ele [Freud] quis, a qualquer preço, salvar um dualismo, no momento em que este dualismo estava derretendo-se entre suas mãos, e quando o eu, a libido, etc., tudo isso formava uma espécie de vasto todo que nos trazia de volta a uma filosofia da natureza” (Lacan, 1985/1954-1955, p. 54).

Estamos, uma vez mais, no cerne da diferença entre teoria mimética e psicanálise freudiana. Ela emerge com bastante veemência quando flagramos o embaraço de Freud (1996b/1920) em explicar questões como as da repetição em experiências que seriam em princípio desprazerosas e da derivação da violência do princípio do prazer “como pode o instinto sádico, cujo intuito é prejudicar o objeto, derivar de Eros, conservador da vida?” (Freud, 1996b/1920, p. 64) ou, ainda mais importante para nossa reflexão, a seguinte passagem:

Na obscuridade que reina atualmente na teoria dos instintos, não seria avisado rejeitar qualquer ideia que prometa lançar luz sobre ela. Partimos da grande oposição entre os instintos de vida e de morte. Ora, o próprio amor objetual nos apresenta um segundo exemplo de polaridade semelhante: a existente entre o amor (ou afeição) e o ódio (ou agressividade). Se pudéssemos conseguir relacionar mutuamente essas duas polaridades e derivar uma da outra! (Freud, 1996b/1920, p. 64).

É exatamente essa “derivação” entre “polaridades” que Girard diz ser possível demonstrar por meio da teoria mimética, desde que se considere a vida psíquica não por meio de qualquer dualismo. “Freud separa o que seria preciso unir”, diz ele em *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*, e continua: “por não reconhecer em seu princípio de prazer e seu princípio de morte dois efeitos parciais e pouco compreendidos de uma única e mesma causa, o desejo mimético” (Girard, 2008, p. 467).

Considerações finais

As considerações até aqui desenvolvidas de fato apenas delineiam as fímbrias da discussão em torno do debate que René Girard estabeleceu com a obra freudiana. Se desde o início estivemos cômicos da impossibilidade de abordagem de toda a extensão e profundidade do problema, razão pela qual empreendemos o recorte de que nos ocupamos, a saber, o lugar do terceiro na triangulação do ciúme na psicanálise e na teoria mimética, ainda assim, a justa formulação da questão exigiu o acionamento de outros problemas e

¹⁰ “Nossas concepções, desde o início, foram dualistas e são hoje ainda mais definitivamente dualistas do que antes, agora que descrevemos a oposição como se dando, não entre instintos do ego e instintos sexuais, mas entre instintos de vida e instintos de morte” (Freud, 1996b/1920, p. 63).

questões envolvidos no debate, algo que foi empreendido, neste texto, de forma ligeira, deixando encobertas inevitáveis lacunas.

Para além dessa, outra limitação faz-se importante assinalar: a ausência de uma proposta de complementação entre as duas perspectivas teóricas acerca do ciúme. Decerto que, a esse respeito, contamos com a categórica negativa de Girard quanto a uma possibilidade conciliatória entre teoria mimética e psicanálise, mas isso não deve ser suficiente para nos satisfazer.

O primeiro motivo para tal é que não apenas Freud é, indiscutivelmente, um “modelo” para o pensador francês como as insistentes tomadas de posição de Girard quanto aos “erros” de Freud¹¹ sinalizam uma possibilidade de contribuição recíproca.

As limitações que ora nos impossibilitam de estabelecermos uma síntese teórica entre os dois modelos explicativos que, insistamos, são efetivamente diferentes entre si, não nos impedem de supor que, na prática analítica, a teoria mimética possa ter alguma relevância. Desconhecemos críticas de René Girard, por exemplo, ao potencial “curativo” da fala e, ainda que possamos inferir possíveis discordâncias quanto a questões de método relativas à escuta flutuante e à livre associação, não nos parece de todo estranho que, paralelo aos critérios psicanalíticos consagrados de investigação da fala do analisando, sejam também consideradas questões relativas ao desejo mimético. Tal possibilidade, aqui meramente vislumbrada, exigiria um cruzamento de perspectivas na abordagem concreta: uma hermenêutica de fundo, voltada para as camadas simbólicas do discurso do analisando e uma visada mais “ao rés da fala”, por assim dizer, atenta aos caminhos concretamente trilhados pelo desejo ao longo da biografia do paciente.

Por fim, se mesmo essa proposta de combinação metodológica resultar inócua, restaria ainda a possibilidade de sistematização da teoria mimética para fins de clínica analítica. Ignoramos completamente se isso esteve em algum momento no horizonte das reflexões girardianas ou mesmo se, nas várias entrevistas por ele concedidas, em algum momento, teria sido interpelado a respeito. Um paralelo com outro pensador francês (que, inclusive, também recusou a ideia de inconsciente) talvez afaste um pouco qualquer estranheza que essa ideia possa suscitar. Lembramos aqui que Jean-Paul Sartre, ao final de sua obra de 1943, *O ser e o nada*, propôs, a partir das bases fenomenológicas com as quais erigiu seu existencialismo, um modelo de “psicanálise existencial”, modelo esse de que se serviu na análise que resultou em quase duas mil páginas sobre Flaubert em *O idiota da família*. Se pensarmos que Girard submeteu Dostoiévski a uma análise biográfico-literária em seu ensaio (bem menos volumoso) “Do duplo à unidade” com base em seu modelo teórico, por que não aventarmos essa possibilidade?

¹¹ Em *Coisas ocultas desde a fundação do mundo*, essas observações são muito recorrentes: “Para enxergar o grave erro de Freud, basta...” (Girard, 2008, p. 410); “O que falta a Freud é o que falta a Platão: a compreensão do mimético como o próprio desejo e, portanto, como o verdadeiro inconsciente [...]” (Girard, 2008, p. 409).

Referências

- Assis, M. de. (2016). *Dom Casmurro*. In M. de Assis. *Todos os romances e contos consagrados* (Vol. 2). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Freud, S. (1996/1922). Alguns mecanismos neuróticos no ciúme, na paranoia e no homossexualismo. In S. Freud. *Além do princípio de prazer: psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1996b/1920). Além do princípio do prazer. In S. Freud. *Além do princípio de prazer: psicologia de grupo e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1996c/1927-1931). O mal-estar na civilização. In S. Freud. *O futuro de uma ilusão: o mal-estar na civilização e outros trabalhos*. Rio de Janeiro: Imago.
- Girard, R. (2008). *Coisas ocultas desde a fundação do mundo* (M. Gambini, Trad.). São Paulo: Paz e Terra.
- Girard, R. (2009). *Mentira romântica e verdade romanesca* (L. L. da Silva, Trad.). São Paulo: É Realizações.
- Girard, R. (2011). *Anorexia e desejo mimético* (C. Nougué, Trad.). São Paulo: É Realizações.
- Golsan, R. J. (2014). *Mito e teoria mimética: uma introdução ao pensamento girardiano* (H. Langone, Trad.). São Paulo: É Realizações.
- Lacan, J. (1985/1954-1955). *O seminário: Livro 2 – O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise* (M. C. L. Penot, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lachaud, D. (2001). *Ciúmes*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Nasio, J.-D. (1999). *O prazer de ler Freud* (L. Magalhães, Trad.). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Robbe-Grillet, A. (1986). *O ciúme* (W. Dutra, Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- Sabato, E. (2000). *O túnel* (S. Molina, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras.
- Saltarelli, T. (2009). Imitação, emulação, modelos e glosas: o paradigma da mímesis na literatura dos séculos XVI, XVII e XVIII. *Aletria: Revista de Estudos de Literatura*, 19(n. especial Herança Clássica), 251-264.
- Shakespeare, W. (2008). *Otelo* (C. A. Nunes, Trad.). Rio de Janeiro: Agir.

Resumo

Objetiva-se abordar o tema do ciúme sob o viés da psicanálise de Freud e da teoria mimética de René Girard tendo como ponto central de discussão o lugar do “terceiro” nos esquemas triangulares presentes em ambas as teorias. O percurso metodológico, conduzido por meio de pesquisa bibliográfica e análise dos pressupostos conceituais de ambos os modelos explicativos, tem em vista um cotejo entre essas duas perspectivas teóricas e um exame dos contrapontos e divergências estabelecidos por Girard em relação a algumas noções e hipóteses freudianas. Para além da obra teórica dos dois autores, contribuem para a discussão proposta neste artigo os valiosos comentários de Denise Lachaud a respeito do ciúme na psicanálise de Freud e de Lacan. No desenvolvimento do trabalho, as incursões em textos literários (dos mais canônicos, como a obra de Shakespeare, aos mais modernos, como a prosa de Sabato e Robbe-Grillet) e o breve exame que apresentam das figurações ficcionais do ciúme ajudam a lançar luz sobre o tema. Por fim, nas considerações finais, aventa-se a possibilidade de uma contribuição da teoria mimética para a prática da escuta psicanalítica

Palavras-chave: Teoria mimética. Psicanálise freudiana. Ciúme.

“A Three-Term Equation”: The Jealousy Theme in Sigmund Freud and René Girard

Abstract

This study approaches the jealousy theme from Freud’s psychoanalytic and René Girard’s mimetic theory perspectives, with the leading point of discussion the “third” place of the triangular sketch that is found in both theories. The methodologic course, led by bibliographic research and concept premises analysis of both explanatory models, proposes a collating of these two models and an examination of the counterpoints and divergences set by Girard in relation to some Freud’s notions and hypotheses. In addition to the theoretical work of these two authors, Denise Lachaud’s comments about jealousy in Freud’s and Lacan’s psychoanalysis also contribute to the discussion here proposed. In the work development, the literary texts incursions (from the canonical ones, such as Shakespeare’s, to the modern, like Sabato’s and Robbe-Grillet’s prose) and their brief examination of the jealousy fictional figuration help to enlighten the theme. Lastly, in the final considerations, it is suggested a possible contribution of the mimetic theory to the psychoanalytic listening practice.

Keywords: Mimetic theory. Freud’s psychoanalysis. Jealousy.

Une “équation à trois termes”: la jalousie en Sigmund Freud et René Girard

Résumé

On objective aborder le thème de la jalousie sous le biais de la psychanalyse de Freud et de la théorie mimétique de René Girard ayant comme point central de la discussion la place

du “troisième” dans les schémas triangulaires présents sur les deux théories. Le parcours méthodologique, conduit au moyen de la recherche bibliographique et des hypothèses conceptuelles des deux modèles explicatifs, vise au rapprochement entre ces deux perspectives théoriques et un examen des contrepoints et des divergences établies par Girard à l’égard de certaines notions et des hypothèses freudiennes. Au-delà de l’œuvre des deux auteurs, les précieux commentaires de Denise Lachaud à propos de la jalousie dans la psychanalyse de Freud et de Lacan contribuent à la discussion proposée dans cet article. Dans le développement du travail, les incursions dans les textes littéraires (des plus canoniques, à savoir, l’œuvre de Shakespeare, au plus modernes, en particulier la prose de Sabato et Robbe-Grillet) et le bref examen qu’ils présentent des figurations fictionnelles de la jalousie et aident à éclairer le thème. Pour conclure, dans les considérations finales, on met en avant la possibilité d’une contribution de la théorie mimétique à la pratique de l’écoute psychanalytique.

Mots-clés: Théorie mimétique. Psychanalyse freudienne. Jalousie.

Una “ecuación de tres términos”: los celos en Sigmund Freud y René Girard

Resumen

El objetivo es abordar el tema de los celos desde la perspectiva del psicoanálisis de Freud y la teoría mimética de René Girard, teniendo como punto central de discusión el lugar del “tercero” en los esquemas triangulares presentes en ambas teorías. El curso metodológico, realizado a través de la investigación bibliográfica y el análisis de los presupuestos conceptuales de ambos modelos explicativos, tiene como objetivo una comparación entre estas dos perspectivas teóricas y un examen de los contrapuntos y divergencias establecidos por Girard en relación con algunas nociones e hipótesis freudianas. Además del trabajo teórico de los dos autores, los valiosos comentarios de Denise Lachaud sobre los celos en el psicoanálisis de Freud y Lacan contribuyen a la discusión propuesta en este artículo. En el desarrollo del trabajo, las incursiones en los textos literarios (desde los más canónicos, como la obra de Shakespeare, hasta los más modernos, como la prosa de Sabato y Robbe-Grillet) y el breve examen que presentan de las figurationes ficcionales de los celos ayudan a arrojar luz sobre el tema. Finalmente, en las consideraciones finales, se propone la posibilidad de un aporte de la teoría mimética a la práctica de la escucha psicoanalítica

Palabras clave: Teoría mimética. Psicoanálisis freudiano. Celos.